

A MORTE COMO METÁFORA DA FORMAÇÃO DA NAÇÃO NA LITERATURA AFRICANA

DEATH AS A METAPHOR OF THE FORMATION OF THE NATION IN AFRICAN LITERATURE

Liana Depieri Amorim¹

lidepieri@hotmail.com

Resumo: O presente artigo analisa as obras *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, de José Luandino Vieira e *A varanda do frangipani*, de Mia Couto. A análise fundamenta-se nos estudos pós-coloniais, através do método comparativo, traçando um estudo a respeito do resgate identitário e da formação das nações angolana e moçambicana.

Palavras-chave: identidade cultural, Mia Couto, José Luandino Vieira, pós-colonialismo, Angola, Moçambique.

Abstract: This article analyzes the works *A verdadeira vida de Domingos Xavier*, by José Luandino Vieira and *A varanda do frangipani*, by Mia Couto. The analysis is based on the identity recovery and training of Angolan and Mozambican nation.

keywords: cultural identity, Mia Couto, José Luandino Vieira, post-colonialism, Angola, Mozambique.

A literatura africana está muito marcada pela história do continente, que foi brutalmente desestruturado pela chegada dos europeus. As lutas independentistas que dominaram os países africanos e, ainda, as guerras civis do período pós-colonial são realidades retratadas nesta forma de expressão tão crescente que é a literatura. O recorte que fiz foi a partir dos movimentos de independência ocorridos em Angola e Moçambique, países africanos colonizados por Portugal, analisando as obras de Mia Couto, escritor moçambicano, e de José Luandino Vieira, angolano, pois tais autores possuem em comum o fato de terem sido militantes ativos da causa independentista e de, além da luta ideológica, terem tratado exaustivamente desse assunto em suas obras, refletindo sobre os fatos ocorridos ao longo da história africana. Ambos resgataram, através de sua literatura, a identidade e a formação das nações moçambicana e angolana.

¹ Graduada em Letras- Literatura de Língua Portuguesa – UFRGS

[...] a inscrição colonial na consciência, na língua e na cultura de milhões de pessoas de todos os continentes permanece nas cicatrizes profundas causadas pela alteridade dentro do pretexto da hegemonia cultural europeia. Por outro lado, em decorrência dos movimentos pró-independência e da conscientização política no seio desses países, ocorre um processo de descolonização cultural para que a imagem e a identidade dos povos colonizados possam ser recuperadas através da ‘volta’ às suas origens (BONNICI, 2000, p.1).

Com o intento de manter as relações coloniais com os diferentes povos africanos, o governo salazarista, que caracteriza a longa ditadura portuguesa, manteve suas colônias africanas, dentre elas Angola e Moçambique, até meados da década de 70 do século XX. Na verdade, o motivo para a manutenção do sistema colonial por parte de Portugal ocorreu pelo atraso econômico português. Para evitar a luta de classes gerada pela industrialização, que levava a um questionamento do sistema político adotado pelo governo ditatorial, abafando, assim, o socialismo, Salazar focou em uma economia voltada para o campo. No entanto isso era só uma fachada para disfarçar a dependência econômica portuguesa, visto que a maior parte de seu comércio e a fonte de matérias-primas estavam diretamente ligadas ao continente africano.

Já na década de 1950, muitos movimentos independentistas começaram a se formar, principalmente com o intuito de estabelecer uma identidade forte e desvinculada da cultura europeia. A literatura exerceu um papel fundamental para a composição dessa identidade, visto que muitos escritores faziam parte dos grupos de libertação espalhados por vários países africanos, como o MPLA (Movimento Popular para a Libertação de Angola) e a FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), de que os autores aqui analisados também fizeram parte.

Com a Revolução dos Cravos, em 1974, que estabeleceu o fim da ditadura portuguesa, o sistema colonial enfraqueceu e possibilitou que as colônias africanas enfim conseguissem a sua tão sonhada independência. Contudo, em Moçambique, por exemplo, a independência foi declarada em 25 de junho de 1975, mais de um ano depois do fim da ditadura em Portugal, pois houve um longo período de transição e acordos entre o novo governo português e os guerrilheiros. Em Angola, a independência foi declarada em 11 de novembro de 1975, mas se seguiu uma longa guerra civil, que só terminou em 2002. As histórias de Moçambique e de Angola são muito semelhantes, pois ambos foram colonizados por portugueses e possuem a língua portuguesa como a oficial. Angola só foi tornar-se realmente livre em 2002, e Moçambique teve suas guerras até os anos 1990, enfraquecendo a economia e a possibilidade de crescimento econômico e cultural da população.

Após ter conquistado sua independência, muitos países entraram em disputas civis violentíssimas, que pioraram a situação do povo e causaram ainda mais estragos na formação de uma nação e na construção de uma cultura sólida, pois muitos grupos étnicos, políticos e linguísticos passaram a disputar a hegemonia do poder. Para agravar ainda mais a situação, potências econômicas estrangeiras passaram a financiar e apoiar as guerras africanas, o que permitiu que elas durassem um longo tempo.

No processo de libertação, Fanon destaca o nacionalismo, ou a filosofia ambígua da elite nativa que quer tanto romper com o colonialismo como também quer entender-se amigavelmente com ele. O povo repudia tal práxis e forma um partido revolucionário e autêntico. Seus princípios insistem em que o racismo e a vontade de vingança não sustentam uma guerra de libertação e em que esses dois itens automaticamente constroem um outro sistema de opressão imitando os próprios europeus colonizadores (BONNICI, 2000, p. 36).

Uma das principais características culturais que mais marcou o período pós-independência foi o fato de os novos governantes africanos tentarem esconder suas raízes, sua ancestralidade voltada para a tradição, pois achavam que a África só tinha sido dominada porque era atrasada e inferior à cultura europeia, ou seja, continuaram a reproduzir o discurso do colonizador, baseado na dominação e na opressão.

A vida verdadeira de Domingos Xavier, de José Luandino Vieira foi escrita em 1961. A obra fala sobre Angola, que teve sua independência em 1975. O principal grupo de luta pela libertação foi o MPLA – Movimento Popular para Libertação de Angola – e Luandino fez parte deste grupo ativamente. Seu vínculo com o movimento ocorreu em função de ele ter estudado na Casa dos Estudantes do Império, local onde ficavam os estudantes africanos que iam para Portugal. Em 1948, surgiu o movimento “Vamos descobrir Angola”, cujo projeto principal era a constituição de uma nação, usando a literatura como principal arma. Luandino, então preso, escreve sua obra em 1959, mas ela só passa a ser publicada em 1961.

A obra conta a história de um trabalhador de uma empresa responsável pela construção de uma barragem no Rio Kuanza. Lá ele tem dois companheiros: um colega chamado Sousinha, que possui a mesma posição hierárquica, e o engenheiro da obra chamado Silvestre, um angolano de cor branca. O engenheiro é uma peça fundamental na trama, pois é um líder ao lado dos negros, lutando pelos interesses e pela libertação de Angola. Quando a administração colonial prende Domingos Xavier, o interesse principal é saber quem é o branco.

Ao ser preso, Domingos é torturado até a morte, mas não denuncia os companheiros de luta; isso faz dele um exemplo a ser seguido por seus compatriotas. A obra, na verdade, tem como pano de fundo a utopia de união do povo africano contra o “homem branco”, que seria a cultura europeia e não uma raça.

A varanda do frangipani, de Mia Couto foi escrita em 1996 e fala sobre Moçambique. Esse país, assim como Angola, conquistou a independência em 1975, e o principal grupo de libertação era o FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique – em que o escritor Mia Couto também atuou como militante. No entanto, após a independência, o escritor passa a ser um crítico ao movimento por não concordar com sua metodologia que, assim como em Angola, também estava acabando com a tradição e com a cultura.

A obra conta a história de Ermelindo Mucanga – um morto que é enterrado aos pés de uma árvore (Frangipani) – o qual, depois de falecido, por não ter recebido os cerimoniais que eram de costume, retorna à vida no corpo de um inspetor chamado Izidine Naíta – um inspetor que vai até a fortaleza investigar um assassinato – que retorna para sua terra após muitos anos, visto que fora estudar na cidade, onde acabou assimilando a cultura branca. Mia Couto mostra, em sua obra, a desilusão do povo africano no pós-independência.

O foco a ser analisado nas obras é a relação da simbologia da morte para a constituição do conceito de nação. Luandino, por ter escrito sua obra no período pré-independência, tem uma visão mais utópica a respeito da nação, pois acredita que a única barreira para o desenvolvimento africano é o colonialismo. Já Mia Couto, por ter escrito durante o período das guerras civis, mostra outra visão sobre o assunto. Cada um dos autores aposta em projetos culturais para o despertar da angolanidade e da moçambicanidade.

A obra de Luandino traz a morte como meio de manter a vida do povo. Em sua obra, a personagem de Domingos Xavier sofre muito com as torturas, no entanto o que o mantém fiel a seu povo é saber que a vida fora da prisão continua seu curso, assim como o rio Kuanza. A sua morte não chega a ser uma surpresa para o povo, mas o respeito de todos ao ato heróico de Domingos é bem marcante.

Todos os olhares estavam presos em sô Mussunda, esperavam as suas palavras, mas sabiam que uma coisa triste tinha se passado. O alfaiate olhou à volta, as caras fechadas ou ainda sorridentes em expectativa, e quando viu Silvestre, detrás do estrado do conjunto, falou de novo:

- Irmãos angolanos. Um irmão veio dizer mataram um nosso camarada. Se chamava Domingos Xavier e era tractorista. Nunca fez mal a ninguém, só queria o bem do seu povo, e da sua terra. Fiz parar esta farra só para dizer isto, não é para acabar,

porque a nossa alegria é grande: nosso irmão se portou como homem, não falou os assuntos do seu povo, não se vendeu. Não vamos chorar mais a sua morte porque, Domingos António Xavier, você começa hoje a sua vida de verdade no coração do povo angolano... (VIEIRA, 1977, p. 94).

A morte de Domingos faz dele um mártir, pois morreu pelo seu povo. Esse ponto crucial da obra, em que passa a ser conhecido por todos, é que faz dele um herói. Ao morrer, passa a viver no coração do povo, que reconhecerá o esforço de seus homens que defenderam a pátria, e terá um sentimento mais fortalecido de união e de nação.

Outro indício que pode ser encontrado na obra é a questão das torturas, pois Domingos sofre muito na prisão. Ele sente que já está morto, ele sabe que não sobreviverá, apesar da lembrança da família, Domingos sabe que precisa ser mais do que um pai ou marido, ele precisa ser um cidadão angolano. Lutar pelo povo acaba sendo mais importante do que a vida em si, por isso ele percebe que, para dar chance a seu povo de continuar a viver de forma digna, deve abrir mão de sua própria vida.

Mia Couto recupera o mítico, buscando recuperar valores autóctones capazes de esclarecer a consciência ou identidade nacional, utilizando o mito para denunciar as injustiças ocorridas em seu país.

Fui conduzindo Izidine para as rochas, onde nos podíamos esconder de feição. Quando nos deitámos entre as penedias da praia eu me contemplei em espanto. E pensei-me: toda a minha vida tinha sido falsidades. Eu me coroara de cobardias. Quando houve tempo de lutar pelo país eu me recusara. Preguei tábua quando uns estavam construindo a nação. Fui amado por uma sombra quando outros se multiplicavam em corpos. Em vivo me ocultei da vida. Morto me escondi em corpo de vivo. Minha vida, quando autêntica, foi de mentira. A morte me chegou com tanta verdade que nem acreditei. Agora era o último momento em que eu podia mexer no tempo. E fazer nascer um mundo em que um homem, só de viver, fosse respeitado. Afinal, não é o pangolim que diz que todo o ser é tão antigo quanto a vida? (COUTO, 2001, p. 148-149).

Já na obra de Mia Couto, a morte representa a tradição; as personagens dos idosos que moravam no asilo e, com o passar do tempo, foram abandonados pelos familiares representa a desvalorização da tradição africana. Ermelindo Mucanga era um trabalhador que morreu longe da terra natal. Junto dele havia um pangolim, que é, segundo a tradição, o elo entre os homens e o mundo espiritual. A sugestão dele era a de que Ermelindo deveria remorrer, ou seja, toda a cultura, que havia morrido com a chegada dos europeus, deveria morrer novamente para perder a influência branca para, assim, renascer a partir da cultura africana.

O inspetor Izidine Naíta, que havia perdido o elo com sua cultura, ao ouvir as histórias dos idosos recupera a tradição e é salvo por Ermelindo que, num ato de coragem, percebe que

este seria um gesto não pelo inspetor, mas por seu povo, visto que já havia incorporado a tradição para passar adiante.

O discurso de Mia Couto é muito forte quando retoma a situação política do país, alertando para os perigos do poder. Jane Tutikian diz o seguinte:

[...] e é esse o alerta de Mia Couto, novas formas de dominação vêm surgindo entre os povos, onde novos colonizadores não são mais os europeus, mas os tipos oriundos da própria terra, provocando, com isso, o surgimento de novas formas de imperialismo (TUTIKIAN, p. 88).

Segundo os estudos pós-coloniais, as estratégias utilizadas pelos colonizadores para dominar outros povos eram sempre voltadas para o apagamento da cultura existente, visto que somente destruindo a identidade de um povo é que se abala realmente a estrutura nacional, por isso o fator cultural ainda é tão discutido.

A ênfase sobre a cultura nacional é uma reação e uma estratégia diante da negação da cultura e das atividades culturais engendrada pelo poder colonial que atingiu todos os povos colonizados. A dominação colonial existiu para convencer os nativos de que a proposta colonial nada mais era do que banir a escuridão da inexistência da cultura na sua vida e esclarecê-los sobre a única cultura, a europeia, que eles, quisessem ou não, teriam de assimilar (BONNICI, 2000, p. 28).

Representar a tradição através da morte significa resgatar aquilo que se perdeu dentro de uma cultura. Para a cultura ocidental, a morte pode significar o fim, o desligamento com o mundo terreno, mas para a cultura africana é diferente, visto que a morte é encarada como uma passagem para a eternidade, que mantém seu elo com o mundo terreno através da espiritualidade e da valorização das tradições. Um homem velho é visto como alguém sábio, que detém imensa cultura e conhecimento, diferentemente da cultura ocidental, que vê o idoso como alguém que não tem mais utilidade dentro da sociedade, que é mais uma despesa do que uma fonte conhecimento.

A luta pela libertação começa pela restauração da cultura pré-colonial: o intelectual nativo descobriu que nela não havia nada no passado para se envergonhar; havia a dignidade, a glória e o respeito. Somente esse fato traz equilíbrio psicoafetivo e uma mudança importante na mentalidade do nativo, já que por uma espécie de lógica perversa, o colonialismo se volta ao passado do povo oprimido, distorcendo-o, desfigurando-o e destruindo-o. (BONNICI, 2000, p. 37).

A literatura aborda esse sentimento de abandono e de busca pelo que foi perdido ou arrancado com o colonialismo, por isso ela não só tem a finalidade de resgatar o passado como ainda possui o privilégio de fazer pensar, de refletir sobre o que realmente aconteceu.

Só através de uma nova visão dos fatos, de uma reflexão mais aprofundada sobre a história é que se possibilita modificar o pensamento de um povo.

Uma época, uma cultura e uma história que chegam ao fim, enquanto se inicia outra e, aí, pensar a literatura é ainda, e cada vez mais, pensar a questão da identidade. Essa questão já ocupara importante espaço na primeira metade do século, com o avanço dos nacionalismos (fascismo, nazismo) e, também, com o fenômeno global de dissolução dos impérios coloniais europeus, que se seguiu à II Guerra Mundial e que configura o ciclo descolonizador, se renova nas últimas décadas do século XX. (TUTIKIAN, 2006, p. 11).

Considerações finais

Os autores Mia Couto e Luandino Vieira tentaram resgatar o sentimento de nação perdido. Mesmo que tenham escrito em momentos diferentes da história africana, eles buscam mostrar a realidade através de suas personagens. A morte foi o elo que encontrei entre as obras, pois ela tem fator determinante dentro de cada uma delas.

Mia Couto olha para o futuro com um olhar um tanto desconfiado, mas lança a chave para resgatar a união do povo, que é buscar no passado exemplos para formar um futuro melhor. Luandino, apesar de acreditar mais no futuro, também expõe a necessidade de se valorizar a terra e o passado, por esse motivo ele trata Domingos, um homem simples, com família e uma vida regrada, como um mártir, que colocou sua pátria acima de tudo.

Se é verdade que, em um primeiro momento, o nacionalismo fortemente anticolonialista está voltado para a exclusão da elite local do poder a par da discriminação racial, o segundo, pós-independência, ganha outros contornos. Nas ex-colônias portuguesas da África – tomando como paradigma Angola e Moçambique – o poder econômico e coercitivo do Estado mascara e impede o florescimento de uma identidade territorial, política e cultural (TUTIKIAN, 2006, p. 20).

Referências

- BONNICI, Thomas. O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2000.
- COUTO, Mia. *A varanda do frangipani*. 3. ed. Maputo: Nadjira, 2001.
- TUTIKIAN, Jane. *Velhas identidades novas: o pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006.
- VIEIRA, José Luandino. *A vida verdadeira de Domingos Xavier*. São Paulo: Ática, 1977.
-